

# PANORAMA DA PRODUÇÃO E DE MERCADO DO MARACUJÁ<sup>1</sup>

Geni Satiko Sato<sup>2</sup>

Denyse Chabaribery<sup>3</sup>

Alfredo de Almeida Bessa Júnior<sup>4</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A fruticultura no Estado de São Paulo, à exceção de citros, vem sendo explorada como mais uma opção de cultivo por pequenos e médios produtores rurais.

Opção tecnológica para processamento e tratamento pós-colheita de frutas desenvolvidas por instituições de pesquisa abriram novos mercados para comercialização da produção, tais como a exportação de frutas tropicais e industrialização dos sucos.

O maracujá na região do Oeste Paulista surgiu como fonte de renda para equilibrar prejuízos com a cultura do café. Atualmente, vem despertando interesse de muitos produtores da região que acreditam na comercialização da fruta para consumo *in natura* no mercado interno e na industrialização da fruta na forma de suco. Porém, esse é um mercado ainda em formação que merece análises mais cautelosas.

Existem cerca de 530 espécies tropicais e subtropicais de maracujá (gênero *Passiflora*), sendo mais de 150 nativas do Brasil, das quais cerca de 60 produzem frutos que podem ser consumidos *in natura* ou na forma de sucos, refrescos, doces e licores. O suco do fruto de maracujá é rica fonte de ácido ascórbico (vitamina C), qualidade que, aliada ao aroma e ao sabor característico, lhe permite amplas possibilidades de colocação no mercado internacional.

O Brasil é o primeiro produtor mundial de maracujá, possivelmente concorrendo com o Peru por esta

colocação. Pelo fato de a cultura ser dispersa e semiperene existe grande dificuldade em se precisar dados estatísticos que dimensionem a produção global de frutos e de produtos processados.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a produção e o mercado de maracujá no mundo e no Brasil, a recente expansão da produção no Estado de São Paulo e as perspectivas de mercado para a fruta fresca e o suco concentrado.

## 2 - METODOLOGIA

O trabalho foi realizado através da análise da evolução da área, produção e produtividade para os vários estados do Brasil, utilizando-se dados publicados nos CENSO AGROPECUÁRIO (1970-85) e ANUÁRIO ESTATÍSTICO (1990) da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e, para as Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) produtoras no Estado de São Paulo, com dados do INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA, de 1986/87 a 1990/91.

Na análise do mercado externo para o suco e mercado interno para a fruta *in natura*, foram utilizados dados de exportação mundial<sup>5</sup> do suco, exportações brasileiras do suco (volume e preço médio) e quantidades comercializadas da fruta nos entrepostos das Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo e no Brasil.

Os dados de exportações do Brasil são do Departamento de Comércio Exterior (DECEX) (anteriormente a 1990 denominado CACEX do Banco do Brasil). As quantidades comercializadas nos Entrepostos são do Boletim da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

<sup>1</sup>Os autores agradecem a colaboração da estagiária Eliana de Andrade, do técnico agropecuário Mario Luiz Vasques Chagas e do Pesquisador Científico Antonio Ambrósio Amaro. Recebido em 30/04/92. Liberado para publicação em 10/07/92.

<sup>2</sup>Engenheiro de Alimentos, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>4</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>5</sup>Os dados de exportação mundial de suco de maracujá são de fonte secundária, do periódico FoodNews, compreendendo o período de 1987 a 1990, devido à inexistência de dados em publicação da FAO.

### 3 - PAÍSES PRODUTORES

Em todos os países produtores, a produção comercial do maracujá se iniciou tendo como destino o mercado interno. Os principais países produtores de maracujá são por ordem de importância: Brasil, Peru, Sri Lanka, Equador, Austrália, Quênia, Havaí e África do Sul. No entanto, são escassas as informações sobre a produção do maracujá em quase todos os países.

Nos países da América a principal espécie explorada comercialmente é a *Passiflora edulis*, que é o maracujá azedo, variedade amarela. Já na Austrália se explora, além do maracujá roxo, o maracujá amarelo e alguns híbridos do amarelo.

MENZEL; WINKS; SIMPSON (1988) constataram, na Austrália, a existência de uma grande flutuação anual na produção do maracujá causada pela demanda irregular para o processamento, o que tem levado esse país a importar, em alguns anos, a polpa e o suco de maracujá, inclusive do Brasil.

Os baixos preços pagos pelos processadores não têm estimulado os agricultores a investir em novas áreas de maracujá. Na Austrália, havia em 1988 cerca de 165 produtores de maracujá, em 300 hectares, e a produção tem oscilado na última década entre 3.000 e 4.000 toneladas por ano. A produtividade para o maracujá roxo varia de 5 a 10 t/ha e para os híbridos de amarelo-roxo de 10 a 15 t/ha, dependendo da presença de viroses, freqüentemente encontradas na Austrália.

### 4 - PRODUÇÃO DE MARACUJÁ NO BRASIL

De acordo com dados referentes a 1989 do ANUÁRIO ESTATÍSTICO (1990), a produção do maracujá no Brasil (172.290 toneladas) está disseminada em todo o País. A Região Norte responde por 33,0% da produção destacando-se o Pará com 57 mil toneladas. A Região Nordeste participa com 46,9%, destacando-se os Estados de Sergipe (65 mil toneladas), Ceará (8 mil toneladas) e Bahia (4 mil toneladas). Na Região Sudeste, os Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo participam com cerca de 20,0% da produção total. Porém, acredita-se que essa produção esteja subestimada pois somente os dados do IEA para o Estado de São Paulo são

superiores aos apresentados pelo IBGE (Tabela 1).

As quantidades produzidas, bem como as áreas plantadas, sofrem grandes variações anuais devido à forte oscilação dos preços do suco no mercado internacional. A colheita do maracujá é mais ou menos contínua no Brasil, com menores ofertas de julho a setembro. Na Região Norte, o pico da safra é de junho a janeiro, no Nordeste de outubro a abril e no Sudeste de março a maio. Conseqüentemente, no mercado atacadista da Capital de São Paulo ocorrem variações de preços, cujo padrão estacional revela um período de baixa acentuada de maio a agosto, quando a concorrência com outras frutas da época, particularmente limão, é mais acirrada. A partir de setembro até fevereiro as cotações são mais elevadas, devido inclusive ao aumento no consumo de sucos no verão (Figura 1).

No Brasil a produção é realizada, principalmente, por pequenos produtores que conduzem a cultura com poucos cuidados técnicos, com escolha inadequada de mudas e pulverizações insuficientes para o controle de pragas e doenças.

Em relação aos cuidados técnicos, pelo fato de o maracujazeiro ser uma planta que requer fecundação cruzada, a disseminação do pólen depende de insetos polinizadores como as abelhas de grande porte ou mamangavas. Se o meio ambiente não proporcionar essa disseminação natural, há a necessidade de realizar a polinização manual na época da floração, o que requer grande quantidade de mão-de-obra. Uma polinização bem realizada influi de maneira decisiva no número de frutos por planta, no tamanho e na qualidade dos frutos.

A produtividade no Brasil, em 1989, segundo dados do ANUÁRIO ESTATÍSTICO (1990), estava em média em torno de 7 toneladas por hectare, variando muito de região para região (Tabela 2).

Várias doenças que afetam a produtividade já foram constatadas, tais como: antracnose, verrugose, podridão do colo, murcha do Fusarium, além de bacterioses e nematóides.

Recentemente, em São Paulo, na região da Alta Paulista, constatou-se a presença de Vírus do Endurecimento do Fruto do Maracujazeiro (*Passionfruit Woodiness virus*), no entanto, não se sabe ainda qual a área total e regiões atingidas no Estado. Esse vírus já fora detectado no Nordeste em 1969, porém o comportamento varia de acordo com as condições

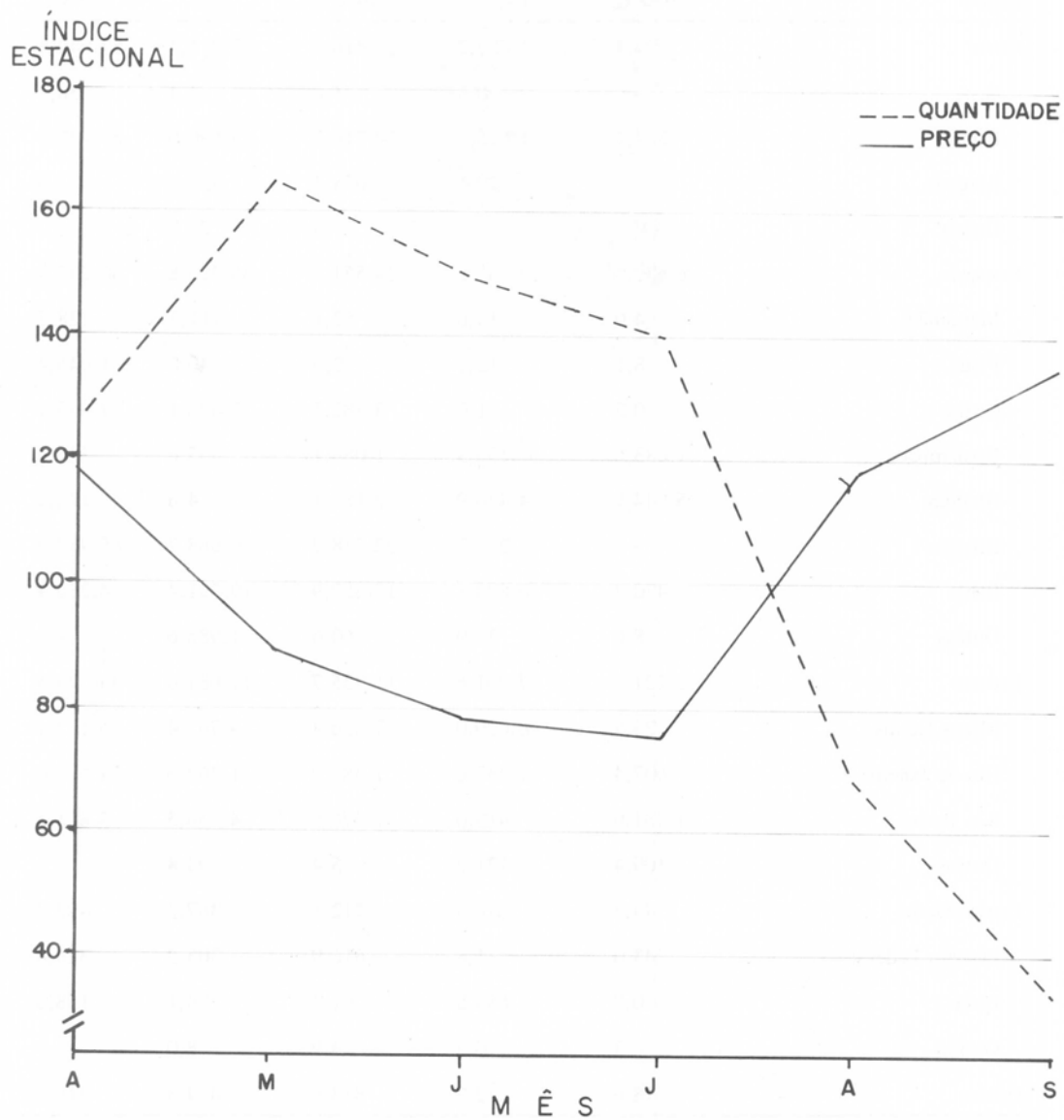
TABELA 1 - Produção de Maracujá no Brasil, Principais Estados Produtores, 1970-1989<sup>1</sup>  
(em tonelada)

Região	1970	1975	1980	1985	1989
Norte	506,4	1.657,2	15.416,2	3.911,4	57.649,3
Acre	-	0,6	3,8	3,4	58,7
Pará	504,4	1.625,5	14.716,5	3.530,0	57.478,0
Alagoas	1,5	29,1	658,4	352,2	112,6
Outros	0,5	2,0	37,5	25,8	-
Nordeste	6.630,1	12.935,8	44.551,6	35.293,8	80.257,3
Maranhão	4,0	15,6	62,1	111,3	28,5
Piauí	8,1	12,1	2,0	40,0	1.646,4
Ceará	10,2	181,0	3.482,1	2.426,1	7.940,1
Pernambuco	1.083,6	1.154,3	1.086,1	963,6	324,9
Alagoas	5.044,9	4.426,9	2.182,1	4,6	122,6
Sergipe	-	220,2	22.218,7	9.968,2	65.937,9
Bahia	470,7	6.888,8	15.457,9	19.791,4	4.256,9
Outros	8,6	36,9	60,6	1.988,6	-
Sudeste	2.221,3	7.901,6	11.735,7	11.081,0	33.574,5
Minas Gerais	23,5	6.029,0	7.836,4	4.765,4	5.117,4
Rio de Janeiro	607,4	1.337,6	1.387,9	1.362,6	24.593,6
São Paulo <sup>2</sup>	1.481,0	413,0	2.476,0	4.758,3	3.863,5
Outros	109,4	121,2	35,4	194,8	-
Centro-Oeste	44,2	676,5	712,1	367,3	492,8
Distrito Federal	43,0	21,8	616,9	305,2	324,8
Goiás	0,9	654,5	91,3	54,1	168,0
Outros	0,3	0,2	3,9	8,0	-
Outras	18,6	32,2	813,9	454,3	316,1
<b>Brasil</b>	<b>9.420,6</b>	<b>23.203,3</b>	<b>73.229,5</b>	<b>51.107,8</b>	<b>172.290,0</b>

<sup>1</sup>A conversão da unidade de 1.000 frutos para toneladas foi calculada considerando-se o peso do fruto 0,080 kg.

<sup>2</sup>Apesar de os dados do IBGE para o Estado de São Paulo não serem compatíveis com os do IEA, optou-se em manter os dados originais.

Fonte: CENSO AGROPECUÁRIO (1970-85) e ANUÁRIO ESTATÍSTICO (1990).



**FIGURA 1** - Índices de Variação Estacional de Preços e de Quantidades de Maracujá, Comercializado no ETJ, São Paulo.

Fonte: NOGUEIRA; PACKER; CAMARGO FILHO, 1985.

TABELA 2 - Evolução da Área Colhida e Rendimento Médio do Maracujá para as Principais Regiões do Brasil, 1980, 1985 e 1989

Região	1980		1985		1989	
	Área (ha)	Rendimento (t/ha)	Área (ha)	Rendimento (t/ha)	Área (ha)	Rendimento (t/ha)
Norte	1.135	13,6	760	5,2	5.193	11,1
Nordeste	3.676	12,1	6.136	5,8	19.779	4,1
Sudeste	1.617	7,3	1.981	5,6	3.099	10,9
Centro-Oeste	104	6,8	74	4,6	173	2,8
Sul	58	14,0	117	5,3	15	5,8
Brasil	6.590	10,8	9.068	5,3	28.259	6,9

Fonte: CENSO AGROPECUÁRIO (1970-85) e ANUÁRIO ESTATÍSTICO (1990).

climáticas e condução dos tratos fitossanitários. Em geral, os sintomas são de mosaico e distorção foliar e frutos pequenos, deformados e duros. O *Woodiness* é conhecido na Austrália desde 1901 e o controle tem sido feito através do uso de híbridos do maracujá amarelo-roxo e também com o uso de estirpes fracas na premunização (KITAJIMA; CHAGAS; CRESTONI, 1986).

## 5 - PRODUÇÃO DE MARACUJÁ NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em São Paulo, a exploração comercial do Maracujá iniciou-se em Bebedouro, na década de 60, expandindo-se posteriormente para Votuporanga e fixando-se no Vale do Ribeira.

Da safra 1981/82 para 1982/83 ocorreu expansão da área cultivada de 250 hectares para 840 hectares em função do acréscimo na demanda pela indústria. Em 1983/84 ocorreu retração da área para 720 hectares, mantendo-se estacionária até 1987, devido à queda do preço oferecido pela indústria, em função do baixo preço internacional do suco e o alastramento de "morte prematura da planta"<sup>6</sup>, que ainda agora não tem causa definida e se manifesta pela redução da vida útil da planta, secando em seguida. "Em solos

anteriormente cultivados com café, geralmente infestados por nematóides, o problema de morte prematura é agravado" (FOLTRAN & PIZA Jr., 1990).

Em debate promovido pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) com produtores, em setembro de 1991, foi proposta a necessidade de pesquisa em melhoramento genético, para aumentar a resistência contra essas doenças e desenvolver melhores métodos de enxertia, para a obtenção de mudas.

A partir de 1987 a área plantada com maracujá voltou a crescer, em função dos preços recebidos pelos produtores, atingindo em 1991 a área total no Estado de 2.513 hectares, com produção estimada de 27 mil toneladas e a cultura expandiu-se para novas regiões. Na principal região produtora - DIRA de Registro - ocorreu uma expansão de 72% na área (667 hectares para 1.153 hectares), enquanto que nas DIRAs de Bauru, Araçatuba, Presidente Prudente e Marília, a área de 148 hectares aumentou para 1.206 hectares, ou seja, 714,9%, produzindo cerca de 14 mil toneladas e passando a representar 53,8% da produção do Estado (Tabela 3).

As produtividades médias nas DIRAs de Araçatuba (15 t/ha) e Marília (12,7t/ha) apresentaram-se superiores a do Estado (10,6 t/ha).

<sup>6</sup>A nível de Brasil a redução na produção de 1980 para 1985 foi de 73.230 para 51.080 toneladas.

TABELA 3 - Área em Produção e Produção de Maracujá, por Divisão Regional Agrícola (DIRA), Estado de São Paulo, 1986/87 a 1990/91

Ano e item	DIRA					
	Registro	S.J. dos Campos	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru
1986/87						
Área em produção (ha)	667	11	1	27	...	15
Produção (t)	7.467	128	1	178	...	162
1987/88						
Área em produção (ha)	802	12	6	14	14	26
Produção (t)	8.925	139	121	131	216	225
1988/89						
Área em produção (ha)	906	13	41	19	22	51
Produção (t)	10.071	145	730	170	277	410
1989/90						
Área em produção (ha)	1.094	13	102	10	...	66
Produção (t)	8.412	145	1.747	82	...	469
1990/91						
Área em produção (ha)	1.153	3	81	28	6	134
Produção (t)	10.627	22	1.087	284	70	1.494
Ano e item	DIRA				Total	
	S.J. do Rio Preto	Araçatuba	Presidente Prudente	Marília		
1986/87						
Área em produção (ha)	...	...	94	39	854	
Produção (t)	...	...	1.060	317	9.313	
1987/88						
Área em produção (ha)	20	6	118	130	1.148	
Produção (t)	90	49	1.413	1.594	12.905	
1988/89						
Área em produção (ha)	647	50	268	125	2.142	
Produção (t)	109	824	2.959	1.518	17.215	
1989/90						
Área em produção (ha)	21	122	224	111	1.763	
Produção (t)	99	723	3.025	2.408	17.112	
1990/91						
Área em produção (ha)	36	211	514	347	2.513	
Produção (t)	234	3.150	5.317	4.409	26.696	

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

Essa expansão relativamente grande da área deixou os produtores da Nova Alta Paulista preocupados com o destino da produção e, desde então, vêm-se mobilizando no sentido de instalar uma agroindústria processadora próxima à região produtora. Os pequenos produtores organizam-se em associações para realizar a comercialização em conjunto, barateando o custo do transporte até o entreposto da CEAGESP, na capital.

## 6 - MERCADO EXTERNO

A exportação *in natura* do maracujá não consta em estatísticas oficiais. O Quênia é o principal fornecedor da fruta no Mercado Europeu, que em 1986 consumiu 621 toneladas (INTERNATIONAL TRADE CENTRE UNCTAD, 1987). O maracujá roxo é mais procurado que a variedade amarela, devendo ser apresentado nas especificações exigidas pelo mercado. O maracujá roxo tem a vantagem de apresentar melhor aroma e ser mais resistente às doenças. Na comercialização do produto fresco para o Japão e para os Estados Unidos exige-se que o fruto passe por processo de desinfecção. O grande inconveniente na exportação é a alta perecibilidade da fruta, devendo ser transportada por via aérea.

Atualmente, para o Brasil, o único mercado externo para o maracujá é o de suco concentrado. Estima-se que cerca de 50% do suco produzido no mundo é exportado. O mercado para suco doce, pronto para consumir, é pequeno se comparado ao do concentrado.

Os principais fornecedores do suco concentrado para os Estados Unidos são Havaí, Índia e países da América do Sul, especialmente o Brasil. Para a Europa, o Quênia é o principal fornecedor do suco. A oferta dos países do Pacífico (Austrália, Fiji e Taiwan) é esporádica.

Em 1990, o principal exportador de suco concentrado de maracujá foi a Colômbia (1.889 toneladas) vindo a seguir o Brasil (1.350 toneladas). O total de suco exportado nesse ano foi de 5.967 toneladas (Tabela 4).

Ao se comparar a evolução de exportação do suco concentrado pelo Brasil com o total do suco exportado (Tabelas 4 e 5), percebe-se que a participação do

suco concentrado vem crescendo relativamente ao suco simples, o que era esperado em função da vantagem no custo de transporte.

Os principais países consumidores do suco brasileiro em 1990 foram os Países Baixos (1.467 toneladas), a Alemanha Ocidental (773 toneladas) e os Estados Unidos (150 toneladas). As exportações do suco de maracujá vêm apresentando variação em função do preço alcançado no mercado externo (Tabela 5).

Visto que a produção está distribuída por todo o País, as grandes indústrias de suco estão estrategicamente localizadas, principalmente na Região Nordeste, Minas Gerais e São Paulo. Grande parte do suco concentrado (43% do total brasileiro) saiu em 1990 pelo porto de Belém (PA). No Nordeste, 15,8% saiu pelo porto de Salvador (BA) e o restante pelos portos de Cabedelo (PB), Recife (Pe), Maceió (AL) e Ilhéus (BA). Na Região Sudeste, o porto de Santos foi responsável por 30,0% do total exportado (Tabela 6).

Devido à alta perecibilidade da matéria-prima e o curto período de safra, as indústrias têm que processar grandes volumes em pequeno período de tempo e manter estoques para o ano todo. Em período de recessão, em geral, as indústrias preferem trabalhar com o mínimo de estoque possível. Isso causa problemas a nível de produtor, quando ocorre excesso de produção e a indústria não tem capacidade de processar ou arcar com os custos de armazenagem.

Como, geralmente, os produtores são pequenos e pouco organizados, não têm poder de barganha junto à indústria.

Normalmente, as indústrias de suco de maracujá trabalham com vários outros sucos, devido ao problema de sazonalidade da produção agrícola. A principal indústria de suco de maracujá, a MAGUARY, também processa suco de abacaxi, caju, coco e conservas de frutas.

## 7 - INDUSTRIALIZAÇÃO DO SUCO

O suco de maracujá pode ser obtido em dois níveis de concentração: com 14º Brix ou pronto para beber, e com 50º Brix, na sua forma concentrada.

O rendimento industrial no processamento para o suco 14º Brix é de 30%, ou seja, de 1.000

TABELA 4 - Exportação Mundial de Suco Concentrado<sup>1</sup> de Maracujá, 1987-90  
(em t)

País exportador	1987	1988	1989	1990
Colômbia	2.487	3.286	2.068	1.889
Brasil	1.800	2.994	3.877	1.350
Equador	800	1.100	1.200	1.485
Peru	1.029	1.178	1.705	1.243
Total	6.116	8.558	8.850	5.967

<sup>1</sup>50º Brix.

Fonte: FOODNEWS (1991).

TABELA 5 - Participação dos Principais Países Importadores nas Exportações Brasileiras de Suco de Maracujá<sup>1</sup>, 1986-90

Ano	Países Baixos		Al. Ocid.		EUA		França	
	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%
1986	4.693	89	30	1	124	2	219	4
1987	7.140	88	30	-	114	1	512	6
1988	5.941	71	1.022	12	558	7	195	2
1989	4.893	69	850	12	886	13	102	1
1990	1.467	60	773	31	150	6	-	-

Ano	Rep. Sul-Africana		Outros		Total		Preço médio US\$/t FOB
	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%	Quantidade (t)	%	
1986	176	3	57	1	5.299	100	1.502
1987	131	2	246	3	8.173	100	2.908
1988	7	-	660	8	8.383	100	2.835
1989	-	-	320	5	7.051	100	1.583
1990	-	-	79	3	2.469	100	1.457

<sup>1</sup>Refere-se a suco simples (14º Brix) e concentrado (50º Brix).

Fonte: BRASIL, COMÉRCIO EXTERIOR: exportação (1986-91).



TABELA 6 - Exportações Brasileiras de Suco de Maracujá por Porto e Aeroporto, 1986-90  
(em kg)

Porto/Aeroporto	1986	1987	1988	1989	1990
Região Norte					
Guajará-Mirim (RO)	253	20	12	259	...
Belém (PA)	304.394	714.490	1.319.680	1.127.550	1.063.180
Belém - Aer. (PA)	...	...	...	...	210
Região Nordeste					
Fortaleza (CE)	102.120	99.282	11.650	520	5.160
Cabedelo (PB)	36	9.600	100.320	448.750	101.380
Recife (PE)	73.530	188.160	245.170	185.130	51.450
Maceió (AL)	...	...	...	...	68.305
Ilhéus (BA)	10.710	128.000	179.810	8.050	16.100
Salvador (BA)	4.137.910	5.778.558	4.299.832	4.044.440	391.095
Região Centro-Oeste					
Corumbá (MS)	90	...	150	540	720
Ponta-Porã (MS)	720	...	...	156	216
Região Sudeste					
Vitória (ES)	...	100	...	...	...
Rio de Janeiro (RJ)	4.092	13.909	13.600	24.130	20.020
Rio de Janeiro - Aer. (RJ)	5.935	960	...	...	...
Santos (SP)	659.141	1.232.905	2.212.555	1.210.265	750.828
São Paulo - Aer. (SP)	648	121	40	655	89
Região Sul					
Paranaguá (PR)	...	480	...	...	...
Foz do Iguaçu (PR)	...	...	...	1.044	48
Uruguaiana (RS)	...	1.150	...	...	...
<b>Total</b>	<b>5.299.579</b>	<b>8.167.735</b>	<b>8.382.819</b>	<b>7.051.489</b>	<b>2.468.801</b>

Fonte: BRASIL, COMÉRCIO EXTERIOR: exportação (1986-91).

toneladas de frutos obtêm-se 300 toneladas de suco. Para o suco a 50º Brix, o rendimento varia de 8% a 10%.

Em função da variação dos preços internacionais para o suco de maracujá as indústrias ajustam sua produção. Em 1986 o preço foi de US\$1.502 FOB/t, em 1987-88 o preço voltou a subir para uma média de US\$2.600 FOB/t e novamente caiu para US\$-1.457 FOB/t em 1990. Quando os preços externos compensam, as indústrias pagam preços superiores ao mercado interno. Outro problema com que as indústrias se defrontam é a falta de garantia do fornecimento de volume de produção. Dada a inexistência de formas de contrato, os produtores vendem para o mercado que melhor os remunere.

As principais indústrias processadoras de suco de maracujá concentrado para exportar são: a Utiara, na Bahia; a Maisa, no Rio Grande do Norte; a Penedo, em Alagoas; a Maguary, em Minas Gerais; e a Frutesp e Citrosuco Paulista em São Paulo, sendo que todas possuem grandes plantações de maracujá.

Em 1992, está ocorrendo uma superoferta de maracujá. No entanto, esse fato não está propiciando um maior volume de processamento por parte das indústrias. O alto custo da matéria-prima está inviabilizando o processamento para exportação, pois uma caixa de maracujá custa ao produtor US\$2,50<sup>7</sup>, e são necessárias 700 caixas para se produzir uma tonelada de suco a 50º Brix que, por sua vez, é cotada no mercado externo a US\$1.500,00 - 2.000,00/t FOB.

O principal fator para esse quadro pessimista, alegado por técnicos da área de processamento, é a baixa produtividade do maracujá, de 2,0 a 2,5 caixas por planta, o que causa a elevação do custo por unidade. Diante dessa situação e da superoferta, muitos produtores buscam alternativas para a comercialização do excedente. Uma delas é o processamento artesanal do suco natural de maracujá com vistas ao mercado interno, apesar dos problemas de controle da qualidade.

## 8 - MERCADO INTERNO PARA O SUCO

O mercado interno para sucos prontos para beber

<sup>7</sup>Esse é o custo estimado pelo IEA em maio de 1992 através da matriz elaborada em 1986. Maiores detalhes sobre custos de maracujá pode ser encontrado em MATSUNAGA; AMARO; NEVES (1971).

apresenta tendência crescente. Nesse mercado existem três empresas em destaque: a Frutesp com a marca Izzy e Izzinho para crianças, a Maguary com a marca Tamba e a Parmalat com a marca Santal, trabalhando com suco de laranja, abacaxi, uva e maracujá. Complementarmente, existem no mercado o suco de maçã da Yakult e leite de soja flavorizado com suco de frutas.

Os produtos são apresentados em embalagens de papelão Tetrapac de 250 ml e de 1 litro, com período de conservação de cerca de um ano em temperatura ambiente. As embalagens menores destinam-se, principalmente, ao mercado infantil, sendo, também, oferecidos *mix* de sucos de frutas adoçados.

As empresas alegam que o maior concorrente ainda é o velho hábito de se fazer suco em casa. Como estratégia de marketing, existe o enfoque para o segmento de jovens e adultos com apelos esportivos.

## 9 - COMERCIALIZAÇÃO DA FRUTA

A fatia de mercado da fruta *in natura* para o maracujá é o segmento mais atrativo para os produtores, pois, apesar da sazonalidade, os preços alcançados têm sido bastante compensadores. A nível de Brasil como no Estado de São Paulo, a tendência de crescimento na quantidade comercializada nas CEASAs é semelhante, apesar de não ser possível afirmar que exista correlação positiva e única com o consumo da fruta, pois o aumento da quantidade comercializada pode ter ocorrido pelo deslocamento da comercialização informal para a oficial e centralizada. No entanto, pode-se inferir que o mercado interno, seja para fruta *in natura* ou para suco, apresenta uma tendência de crescimento enquanto que o mercado externo para suco concentrado apresenta-se inconstante com as exportações do suco em 1990 caindo para níveis inferiores às de 1980. Percebe-se que a flutuação do volume de suco exportado tem variado em função dos preços médios (Figuras 2 e 3).

O volume de maracujá comercializado no CEAGESP, em 1991, foi de 21.566 toneladas, sendo que 87,8% procedente de São Paulo, o que corresponde a 70,9% da produção. Afim de acompanhar o aumento da produção no Estado, a participação do maracujá produzido em São Paulo vem aumentando no

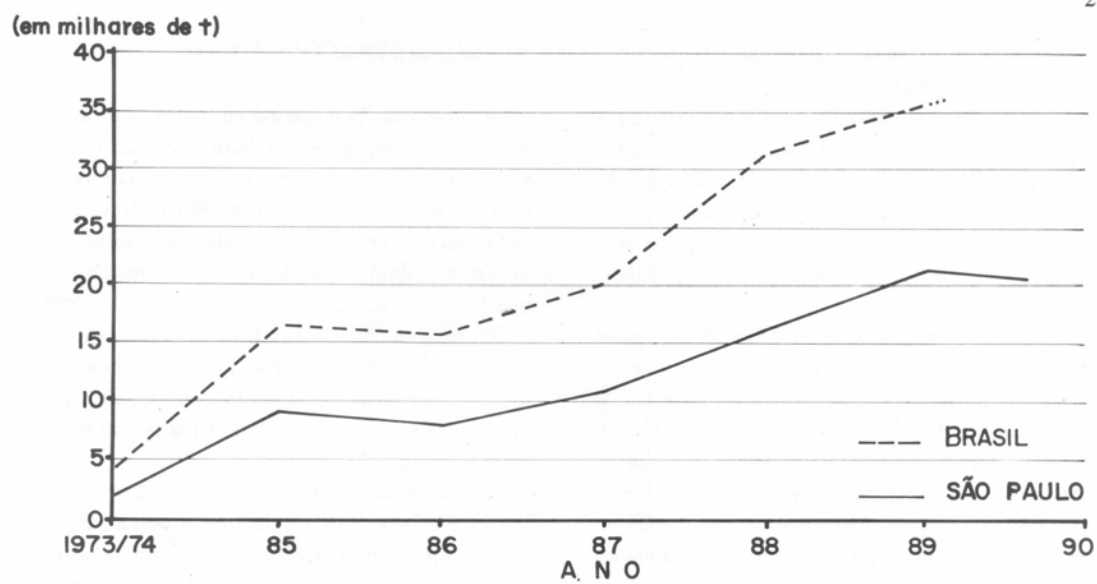


FIGURA 2 - Comercialização de Maracujá Fresco em São Paulo e Brasil, 1973 a 1990.

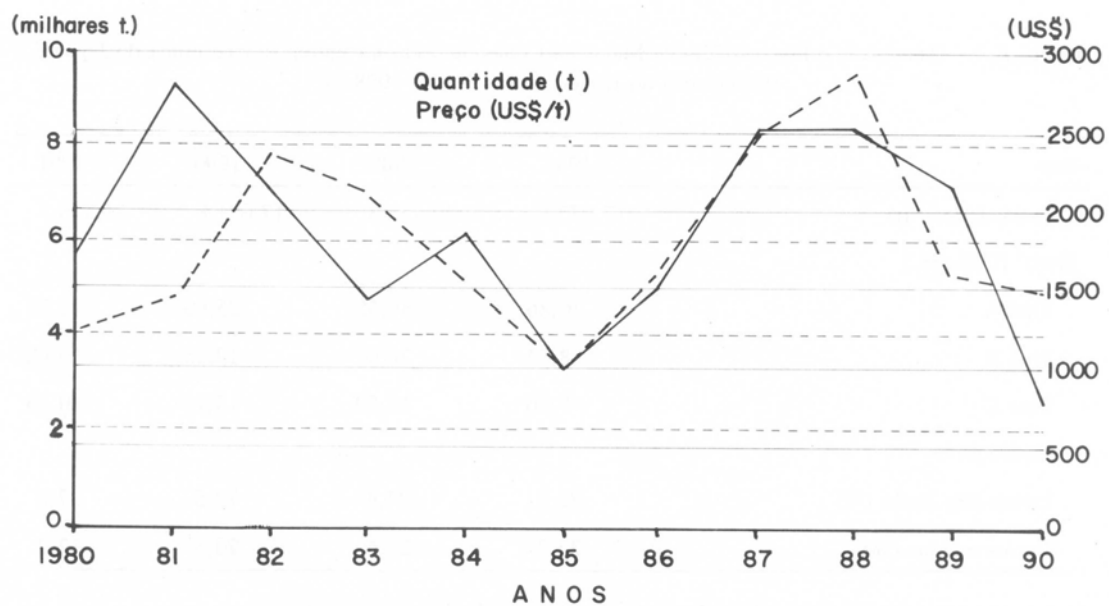


FIGURA 3 - Exportação de Suco de Maracujá, Brasil, e Preço Médio, 1980-90.

volume total comercializado, relativamente à fruta vinda de outros estados (Tabela 7).

O maracujá comercializado no CEAGESP (ETJ) apresenta cotação de preços de acordo com os tipos A, B e C, que se referem a qualidade e tamanho da fruta. Esses padrões não são oficialmente definidos, podendo variar de ano para ano, mas o tipo A é de melhor qualidade e o C de qualidade inferior.

No período 1988 a 1991 entre o tipo A e o tipo B existiu diferencial de 25,5% no preço de venda no mercado atacadista da Capital. Entre o tipo B e C a diferença foi de 34,5%. E, entre o tipo A e C esse diferencial foi de 66,2% em média, chegando a atingir até 113,5%. Dadas essas diferenças significativas nos preços, percebe-se que a rentabilidade do produtor que se preocupa em manter a qualidade, desde a produção até na comercialização é maior, revelando a importância do esmero na classificação (manual ou mecânica) e embalagens dos frutos (Tabela 8).

## 10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do maracujá em outros países, assim como no Brasil, apresenta flutuações periódicas em vista da variação do preço internacional do suco concentrado. Por outro lado, no Brasil a produção do suco para exportação depende da constância na produção e diminuição dos custos da matéria-prima que hoje são elevados, dada a baixa produtividade.

O crescimento da produção e comercialização, tanto no Brasil como no Estado de São Paulo, indica que, a nível de mercado interno, existe tendência de crescimento para o consumo da fruta *in natura* e para o suco processado.

A cultura do maracujá somente poderá se desenvolver em base mais sólida com o desenvolvimento de técnicas para condução da cultura com maior produtividade e que permitirão reduzir o custo de produção, possibilitando a expansão do mercado interno e o crescimento das exportações do suco concentrado.

TABELA 7 - Quantidade e Preço Médio de Maracujá Comercializado no Entreposto Terminal do Jaguaré e Participação do Estado de São Paulo, 1988-91

Item	1988	1989	1990	1991
Quantidade total (t)	17.670,6	20.752,3	17.081,8	21.566,5
Preço <sup>1</sup> (US\$/cx.)				
Tipo A	10,86	36,55	25,66	22,71
Tipo B	8,64	26,07	19,25	16,42
Tipo C	5,96	15,59	13,15	10,63
Procedência				
Estado São Paulo (%)	72,3	74,4	79,5	87,8
Outros estados (%)	27,7	25,6	20,5	12,2

<sup>1</sup>A conversão para dólar foi calculada utilizando-se a taxa de câmbio médio de maio-junho-julho.

Fonte: BOLETIM ANUAL - CEAGESP (1988-1991).

TABELA 8 - Diferenciais de Preços entre Tipos de Maracujá na CEAGESP, 1988-91  
(em porcentagem)

Tipo	1988	1989	1990	1991
A - B	20,5	28,7	25,7	27,7
B - C	31,0	40,1	31,7	35,2
A - C	45,2	57,2	48,7	113,5

Fonte: BOLETIM ANUAL - CEAGESP, 1986-1991.

#### LITERATURA CITADA

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO, 1990. Rio de Janeiro, FIBGE, 1990. 783p.
- BOLETIM ANUAL - CEAGESP. São Paulo, CEAGESP, 1988-1991.
- BRASIL, COMÉRCIO EXTERIOR: exportação. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, CACEX, 1986-1991.
- CAMARGO FILHO, Waldemar P. coord. *Estatísticas de produção agrícola no Estado de São Paulo*. São Paulo, IEA, 1990. 218p.
- CENSO AGROPECUÁRIO. Rio de Janeiro, IBGE, 1970-85.
- COOPER, Blair & BROSTOWICZ, Richard. *Estudo econômico da cultura do maracujá no Estado do Pará, 1972*. Belém, SUDAM, 1972. 83p.
- FOLTRAN, Dulcinéia E. & PIZA Jr., Clóvis de T. coord. *Forúm de debates em fruticultura tropical no Estado de São Paulo*. Campinas, CATI, 1990. p.84-104 (mimeo)
- FOODNEWS, Inglaterra, 19, Jun. 1991.
- KITAJIMA, E.M.; CHAGAS, C.M.; CRESTONI O.A. Enfermidades de etiologia viral e associadas a organismos do tipo micoplasma em maracujazeiros no Brasil. *Revista Fitopatológica Brasileira*, p.411-31, out. 1986.
- LEITE, Rosangela S.S.F.; GARCIA, Ana Elisa B.; BLISKA, Flávia M.M. *Maracujá*. Campinas, ITAL, 1992. no prelo (Frutas Tropicais)
- INTERNATIONAL TRADE CENTRE UNCTAD. *Tropical and off-season fresh fruits and vegetables*. Geneva, 1987. 264p.
- MATSUNAGA, Minoru; AMARO, Antonio A.; NEVES, Evaristo M. Aspectos econômicos da cultura do maracujá em São Paulo. *Agricultura em São Paulo*, SP, 28 (9/10):47-61, set./out. 1971.
- MENZEL, C. M.; WINKS C. W.; SIMPSON D. R. Passionfruit in queensland. *Queensland Agricultural Journal*, 994 (1):13-7, Jan.Feb. 1988.

NOGUEIRA, Elizabeth A.; PACKER, Maria de Fátima; CAMARGO FILHO, Waldemar P. Frutas de clima tropical: estacionalidade de preços e de quantidades no mercado atacadista de São Paulo. *Informações Econômicas*, SP, 15(5):35-60, maio, 1985.

PREVISÕES DE SAFRAS, 1986-1991. São Paulo, IEA, 1985-90.

## PANORAMA DA PRODUÇÃO E DO MERCADO DE MARACUJÁ

### Anexo 1

TABELA A.1 - Área e Produção da Cultura de Maracujá no Estado de São Paulo, Entradas de Maracujá na CEAGESP da Capital, Exportação Brasileira e Preço de Suco de Maracujá, 1970 a 1990

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Entradas na CEAGESP (cx.) <sup>1</sup>	Exportação de suco (t)	Preço médio do suco export. (US\$/t - FOB)
1970	-	-	45.457	71	495
1971	500	1.900	57.232	15	747
1972	-	-	59.321	326	653
1973	2.300	25.050	120.462	534	1.063
1974	2.700	24.000	124.922	887	783
1975	760	6.000	50.401	405	1.125
1976	180	1.500	40.667	266	2.060
1977	170	1.491	72.987	383	2.704
1978	160	1.350	158.579	1.917	2.998
1979	170	2.100	234.028	1.840	2.351
1980	180	1.755	172.875	2.623	2.500
1981	250	2.693	167.515	4.786	2.749
1982	800	8.724	279.054	7.784	2.118
1983	840	9.543	664.625	6.936	1.443
1984	720	7.298	628.566	9.430	1.843
1985	720	7.298	578.009	3.265	1.009
1986	854	9.313	505.624	5.299	1.502
1987	1.148	12.905	677.603	8.173	2.908
1988	2.142	17.215	1.104.411	8.383	2.835
1989	1.763	17.112	1.297.017	7.051	1.583
1990	2.513	26.696	1.067.614	2.469	1.457

<sup>1</sup>Caixa com 16/17 kg de fruta.

Fonte: PREVISÕES DE SAFRAS (1985-1990), CAMARGO FILHO (1990) e BRASIL, COMÉRCIO EXTERIOR: exportação (1986-1991).